

Apresentação do livro de Mateus da Cruz Maniés

Castelo de Vide

História e Sociedade (1906 a 1951)

Coordenação de José Mateus Maniés Lourenço



Edições Colibri

Fundação Nossa Senhora da Esperança, 16 de Novembro de 2019

Começo por saudar todos os presentes, agradecendo a vossa participação nesta sessão que é essencialmente uma homenagem póstuma a Mateus da Cruz Maniés (1886-1951), consubstanciada pela edição deste livro coordenado pelo seu neto Doutor Eng. José Mateus Maniés Lourenço.



Agradeço também à FNSE ter gentilmente cedido o magnífico espaço em que nos encontramos, e que é particularmente apropriado, pois trata-se de homenagear alguém que pertenceu à Direcção do Asilo dos Cegos entre 1910 e 1912, juntamente com João Luis Carvalho Cordeiro, João de Alegria Vidal, José Luís Porfírio, Joaquim Velez Tavares e António das Dores Bucho.



Para terminar os agradecimentos quero fazer uma especial referência às Edições Colibri, e ao Dr. Fernando Mão de Ferro, que mais uma vez nos proporciona um belo livro sobre Castelo de Vide (é pelo menos já o sétimo), que muito enriquece o património bibliográfico desta terra, como aliás tem feito com tantas outras por esse país fora, nomeadamente no Alentejo.

É este um momento feliz, quase perfeito. É homenageada, na sua terra, uma figura que é incontornável na sua História da primeira metade do séc. XX (causando forte estranheza o total alheamento da Câmara Municipal). E essa homenagem é promovida por um dos seus netos, que embora sem o ter conhecido pessoalmente, o fez enquanto jovem através das memórias de sua Mãe, Desidéria Maniés Lourenço. José Mateus, após terminada a sua carreira profissional, onde se destacou como Engenheiro, Gestor e Professor, pôde encontrar o tempo necessário para investigar a vida e obra do Avô que, pressinto, o entusiasmava e emocionava desde a juventude. Trata-se, é certo, de uma figura que se advinha de invulgar craveira intelectual e humana, um Homem Bom do seu tempo, com uma forte formação humanística, preocupado com os grandes desígnios da sua época e em permanente e desinteressado serviço público, em prol dos outros, sobretudo dos mais

desfavorecidos. E disse atrás “quase perfeito”, porque apenas a grande simpatia do José Mateus justifica que me tenha convidado para esta apresentação, para a qual não sinto ter a formação necessária e receio não estar à altura para evocar uma figura com a dimensão de Mateus Maniés. Confesso que aceitei o desafio apenas porque o projecto me entusiasmou desde o seu início, não só contribuindo para um melhor conhecimento de Castelo de Vide e das suas gentes, que persigo há muito, mas também porque me fui apaixonando pela figura de Mateus Maniés, construída através dos seus textos e de tantas referências que a História de Castelo de Vide afinal lhe faz na sua imprensa local, não esquecendo também as inúmeras conversas com o José Mateus, num passeio, diria, pelas suas memórias. É ainda porventura curioso notar que, em muitos aspectos, José Mateus faz reviver o seu Avô, ou pelo menos a imagem que dele criei.

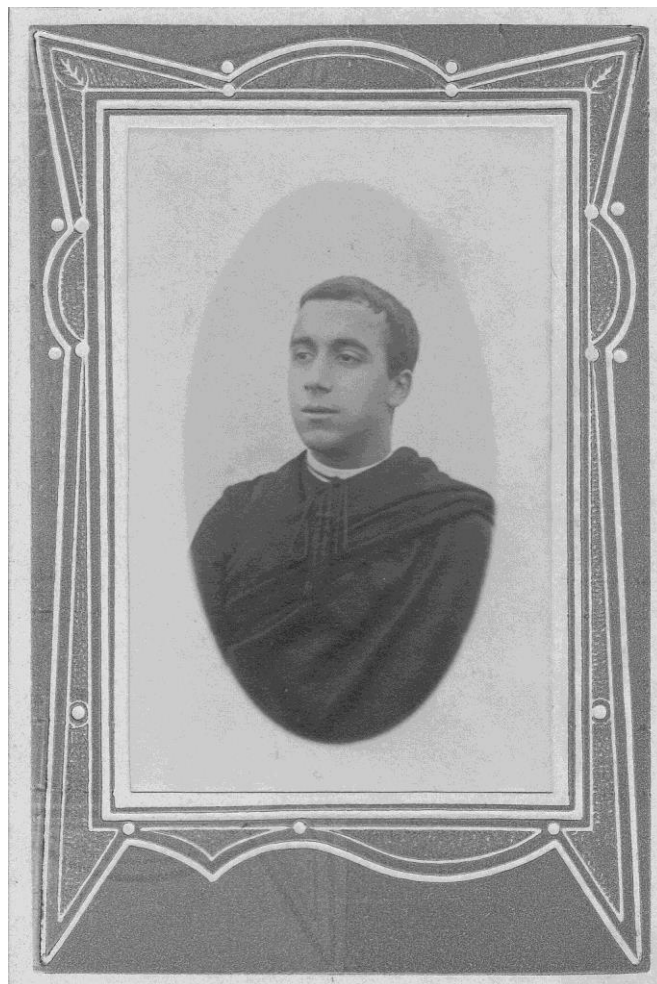
Na primeira proposta para a capa do livro surgia um excelente postal ilustrado da Av. da Aramenha e Teatro Mouzinho da Silveira, editado pela Casa dos Postaes e Livraria de António Lourenço Beliz, c. de 1914, que nos mostra a casa de Mateus Maniés, logo à esquerda do Teatro, ainda sem o 2º andar (entre ambas existe hoje o quartel da GNR). Seguem-se os Agradecimentos e o Prefácio, o primeiro dos quais, no que me diz respeito, posso apenas dizer que peca por excesso, pois na verdade é a José Mateus que devemos este excelente trabalho sobre o Avô, conseguido por uma investigação séria e exaustiva, que como o próprio afirma, terá começado no sótão daquela que foi a casa do Avô e que é hoje a sua em Castelo de Vide. Foi com enorme prazer que apoiei e modestamente contribuí para a edição deste livro.

Como resultado daquela investigação, foi em particular possível construir a extraordinária lista das publicações de Mateus Maniés, também incluída no livro, onde surgem cerca de 350 artigos (!) escritos entre 1906 e 1951 nos jornais locais e em diversos outros regionais. É este legado que permite hoje viajar pela história de Castelo de Vide (e também de Portugal e do mundo), passada e contemporânea, pela sua vida local, pelos seus costumes, pelas suas instituições, pelas suas gentes e figuras gradas, que de forma assumidamente bairrista o autor gostava de enaltecer, bem como a beleza natural das suas paisagens. Deste enorme universo literário, foram escolhidos de forma inteligente 74 artigos, reproduzidos no livro por ordem cronológica, que produzem no leitor a vontade de não parar e de querer ler mais, e nos dão um retrato de toda a sua actividade literária e das suas preocupações ao longo da vida e de cuja leitura atenta nos vão surgindo os contornos de uma personalidade culta, atraente, altruísta e de grande humildade e delicadeza, que nos encanta.

O livro termina com uma pequena nota biográfica sobre o autor, que muito ajuda a compreender algumas das facetas que atrás referi e nos dá a conhecer de forma breve mas factual o percurso de vida de Mateus Maniés. Há também no portal FontedaVila uma efeméride relativa ao seu nascimento, em 31 de Agosto de 1886, a qual passarei a transcrever parcialmente, acrescida de diversas notas dos *Apontamentos de Castelo de Vide* de Vivaldo Quintans. Omitirei para já tudo o que tem a ver com os aspectos literários:

Na Freguesia de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide, nasce nesta data às 23 horas, Mateus da Cruz Maniés. Era filho de Floriano de Alegria Maniés e de Desidéria do Carmo, moradores na Rua de Santa Maria de Cima.

Depois de fazer a instrução primária em Castelo de Vide, deu entrada no seminário de Portalegre (nessa altura julgo no Convento de São Bernardo) onde completou o curso de Teologia. Porém não viria a ordenar-se sacerdote.



A sua vida profissional foi a de comerciante e de correspondente do Banco de Portugal. Situava-se o seu estabelecimento na Carreira de Cima (Rua Bartolomeu Álvares da Santa), ao fundo, no edifício que hoje tem um escritório de seguros, uma padaria e uma loja de reparação de electrodomésticos. Era então uma loja única, comprida, onde se vendiam sobretudo tecidos, e que depois veio a ser continuada por Manuel Morais.

Com vinte sete anos de idade, no dia 29 de Abril de 1914, casou na sua terra com Amélia Augusta Forçado, de 29 anos, também natural de Castelo de Vide. Foram seus padrinhos, João António Gordo, solteiro, despachante aduaneiro, Alberto Carlos Mimoso Rolo, casado, proprietário e madrinha Maria Inácia Forçado Quintans.

Do seu casamento houve duas filhas: Maria Leonor Maniés Roque e Desidéria do Carmo Maniés. A primeira foi casada com José Beliz Roque, e tiveram os seguintes filhos: o Dr. Mateus António Maniés Roque, casado com Lucelinda Salgueiro Roque, e Maria Amélia Maniés Roque, casada com o Dr. António Augusto Raposo. A segunda casou com o Capitão José Isabel Lourenço, e tiveram os filhos Doutor Eng.º José Mateus Maniés Lourenço, casado com a Dr.ª Ana Paula Gomes e Dr.ª Maria de Lurdes Maniés Lourenço, casada com António Carlos Carrilho.



Fervoroso republicano, integrou a Comissão Municipal de Castelo de Vide do Partido Republicano Português, e foi delegado de Castelo de Vide ao Congresso Distrital do PRP em Portalegre, juntamente, entre outros, com António Raposo Repenicado e Eduardo Gazalho (demitem-se os três desta Comissão em Junho de 1924). Foram os

mesmos animadores de uma reunião da Frente Unida Republicana em Junho de 1931. Em 1945 os três amigos, juntamente com Amadeu e Manuel Canário, integraram a Comissão Concelhia do MUD (Movimento de Unidade Democrática). Grande amigo da sua terra desempenhou em Castelo de Vide diversos cargos, como os de Vice-Presidente da Câmara Municipal, vereador e Administrador do Concelho. Foi também eleito em 1937 para a Junta de Freguesia de São Tiago Maior.

Por proposta sua, se fez grande parte da plantação de pinheiros na Serra, cujos benefícios largamente se fizeram sentir. Foi Vice-Presidente da Direcção da Sociedade Recreativa 1º de Dezembro, em 1911. Fez parte da Direcção do Asilo dos Cegos, de 1910 a 1912, por nomeação do Governo. Integrou o Gabinete de Propaganda Regional de Castelo de Vide, como tesoureiro, em 1913, com João Gordo, Francisco Maria Beliz e Miguel dos Santos Soares. Foi também um dos fundadores e fez parte da primeira Direcção dos Bombeiros Voluntários de Castelo de Vide, nomeada em 25 de Outubro de 1915, ocupando as funções de tesoureiro. Pertenceu por três vezes à Direcção do Asilo do Espírito Santo, em 1914, 1922 e 1932, tendo ocupado respectivamente os cargos de Secretário, Presidente e Tesoureiro. Foi ainda membro da Comissão de Iniciativa e Turismo, ocupando as funções de tesoureiro, em 1935.

A sua intensa participação na vida local pode aliás medir-se também pelo número de entradas em que o seu nome aparece, no livro *Efemérides de Castelo de Vide*, de Diogo Salema Cordeiro. São pelo menos 12! (ver também Efemérides, no portal FontedaVila). Por curiosidade, em duas referem-se os seus discursos na inauguração do arranjo geral e ampliação do Café Peninsular (mais tarde a Câmara dos Comuns) e na inauguração do Café Central (a Câmara dos Lordes), com projecto e decoração do pintor João Tavares, ambos em 1943.

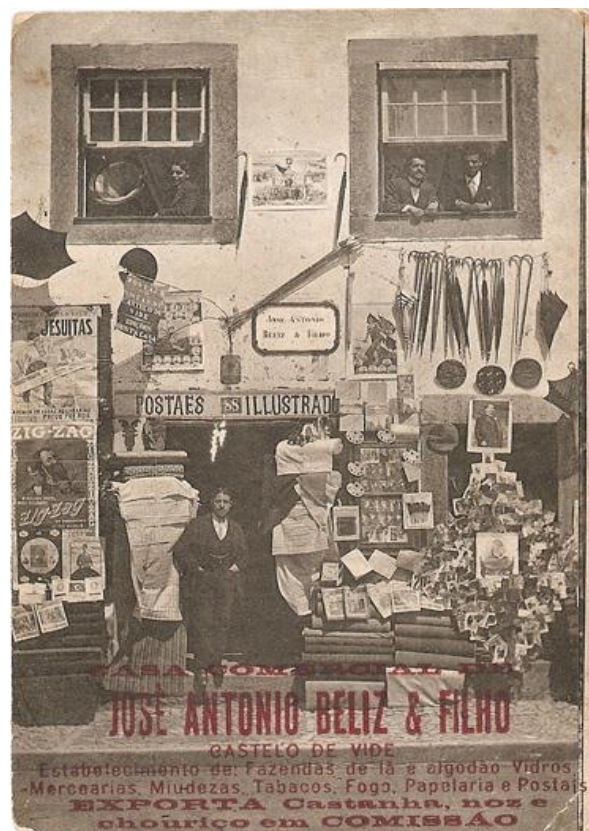
Mateus Maniés faleceu em Castelo de Vide no dia 26 de Junho de 1951, com 64 anos. (sobre M. Maniés ver também António Raposo Repenicado, *Terra Alta*, 24-5-1970 ou a sua separata *Castelo de Vide nas Letras e nas Ciências (Escritores e Bibliografia)*, 1970).

Farei agora apenas algumas considerações sobre os 74 artigos constantes no livro, que percorrem todo o seu período de vida, começando ainda na monarquia (o seu primeiro artigo, enquanto ainda estudante, é publicado n' *O Distrito de Portalegre* em 1906). Genericamente, podemos afirmar que após terminar a leitura nos fica a convicção de que poderia justificar-se um projecto ainda mais ambicioso, de publicação das obras completas (por exemplo, em formato electrónico). O que nos é dado a ler é apenas 21% da sua obra, o que contudo é suficiente para revelar a qualidade e grande interesse dos textos, pelo que a história de Castelo de Vide muito ficaria a ganhar com essa edição e alcançar-se-ia um mais completo conhecimento do autor. Fica assim aqui este desafio, sobre o qual vale a pena reflectir.

De qualquer modo, é de saudar a escolha que foi feita pelo coordenador da obra, conseguindo um conjunto que muito bem ilustra a obra do autor nas suas várias facetas, nos permite sentir a sua evolução e conhecer o essencial do seu pensamento.

Logo os primeiros cinco artigos, publicados até 1909, apontam-nos as preocupações genuínas de Mateus Maniés: a situação precária dos mais desfavorecidos e a necessidade de serem criadas estruturas de apoio para a classe operária (note-se que se está ainda na monarquia!), o tremendo índice de analfabetismo, e a sua comparação com o dos países mais desenvolvidos, a urgência da promoção efectiva da Instrução Pública, começando pela criação de escolas, ao mesmo tempo que defende o liberalismo e recorda a obra decisiva e revolucionária de Mouzinho da Silveira, um dos seus ilustres conterrâneos, que muito admira, juntamente com o Dr. José Frederico Laranjo, uma das suas figuras inspiradoras e de eleição, como se tornará claro em alguns trabalhos subsequentes.

Segue-se um conjunto vasto de textos, publicados n' *O Castellovidense* em 1911 (numa média de 2 por mês!) que se centram na defesa do regime republicano, na observação atenta da sua evolução em Portugal e das reacções internacionais ao mesmo, num apelo constante à estabilidade e ao bom entendimento entre todos (republicanos e monárquicos). É aliás muito interessante notar que a leitura destes artigos imediatamente me trouxe à memória o interessante trabalho da Prof. ^a Maria Helena Alvim, [*Da Monarquia à República através das páginas de um jornal*](#), publicado no portal FontedaVila, e cuja leitura a todos recomendo vivamente. Trata-se de um estudo feito através precisamente de *O CastelloVidense*, entre 1909 e 1911, que embora sendo um jornal de índole monárquica, simpatizante dos regeneradores, soube acomodar-se aos novos tempos e seguir os principais acontecimentos através de artigos do seu redactor (o Dr. João Luis de Carvalho Cordeiro) e de muitos outros, entre eles de Mateus Maniés (um postal de C.V. com vasta iconografia republicana).



Neste conjunto de 21 artigos d' *O Castellovidense* mantém-se viva a sua preocupação social e de certo modo a esperança de que o novo regime possa vir a mudar o estado das coisas: é proposto mais uma vez a criação de um Montepio operário, é sugerido que através de uma mudança dos seus regulamentos se melhore o desempenho do Asilo do Espírito Santo (mais tarde Asilo Almeida Sarzedas) no que diz respeito às condições dos asilados e sua melhor preparação para a vida futura, é analisado o problema grave de mendicidade em Castelo de Vide e a necessidade de criar mecanismos de beneficência.

Segue-se um conjunto de mais 9 artigos, publicados entre 1912 e 1918 (n' *O Castellovidense*, n' *O Povo* e n' *O Distrito de Portalegre*) onde o autor se debruça sobre questões políticas locais e nacionais, sobre o desnorte que parece reinar entre os políticos, quer nos jornais quer no parlamento, sobre a gestão municipal na altura digna de preocupação. Desenha-se desde logo uma personalidade equilibrada e sensata, avessa a radicalismos, e, pelo contrário, defensora de consensos. Volta ainda à necessidade de se desenvolver o turismo em Portugal e em particular na sua terra, para o que foi criado o Gabinete de Propaganda Regionalista de Castelo de Vide, que ele próprio integra como tesoureiro, terminando com um artigo sobre mais um ilustre castelovidense, o Prof. José António Serrano, falecido em 1904.

O 36º artigo que aparece no livro, intitulado *Disciplina* inaugura uma série de pelo menos 11 artigos (todos transcritos no livro) publicados n' *O Povo*, entre 1921 e 1922, sob o título genérico de *Crónicas da minha terra*, que deixaram marca na memória de muitos castelovidenses, pois em qualquer texto sobre o autor surge sempre referência a estes trabalhos (muitas vezes designados erradamente por contos), nos quais definitivamente se revela a capacidade literária do autor, que nestes anos era secretário da redacção do jornal. Com efeito, neles se afirma um fortíssimo domínio da escrita narrativa, articulando a narração de episódios do tempo (reais ou ficcionais?) e um pendor argumentativo e crítico, de forma subtil e sugestiva. Os episódios, escritos de um modo muito detalhado e vívido, num estilo próximo da escrita realista de Eça ou Fialho (como era também neste último caso opinião de A. Raposo Repenicado), em particular a dos seus ensaios e crónicas, permitem produzir uma reflexão crítica, mais ou menos explícita, a partir da descrição de uma vivência. Posicionando-se numa relação imediata com a realidade contemporânea, estes textos são crónicas no sentido preciso do termo, misturando elementos reais e porventura ficcionais de certos episódios da vida de Castelo de Vide com vista a sugerir uma reflexão a respeito de particularidades do seu tempo ou, em alguns casos, a propósito de factos históricos. São textos que se leem também hoje com muito prazer, saboreando a fina ironia e a crítica certa e elegante que o autor em todos faz transparecer de forma magnífica, e onde se espelha a verdadeira mestria de Mateus Maniés como escritor. Vale a pena recordar os seus títulos: *Uma bruxa em calças pardas*, *Lendas (da Senhora da Alegria e de Nossa Senhora da Penha)*, *A Peste*, *Eco das Lutas Liberais*, *Senhora das Necessidades*, *Alma do outro mundo*, *Vida de campo*, *O Soldador*, *Ecos de 1640*.

Não posso deixar de apresentar agora algumas das passagens de *Disciplina*, que diz respeito a algo que se passou precisamente aqui nesta igreja, para poderem partilhar comigo as delícias desta escrita:

“Numa tarde abafadiça de outono, o relógio da torre da Camara bateu as seis horas, graves e compassadas, que foram quebrar-se além, na serra em frente, e os sinos do extinto convento da Conceição anunciaram, numa vibração dolente e solene, a hora de começar o santo exercício da mortificação da carne, para esconjuro do pecado e maior limpeza da alma que, tantas vezes sossobra neste mar revolto das paixões do seculo (...) Os ceareiros esperavam as primeiras chuvas, para revolver a terra, em que havia de ser lançada a semente da futura colheita, e nas vindimas as moças de ancas largas e faces vermelhas, lançavam aos ares numa voz forte de guelras sadias, cantigas cheias de remosques e graça populares (...) enquanto na antiga devesa, eram os rapazes sempre traquinas, nos seus folguedos despreocupados, que davam ao quadro a nota de uma alacridade retumbante, caminhavam para o edifício do extinto convento da Conceição, vindos de direções diversas e alguns em grupos que conversavam discretamente, os devotos dos santos exercícios da disciplina. Meia hora tinha passado, depois da chamada dos fiéis á oração, e, estando todos reunidos, eram fechadas cuidadosamente as portas da igreja, depois ainda do exame prévio, não estivessem rapazes sorrateiramente escondidos, gulosos de assistir a espetáculo tão edificante (...) No templo o silêncio era pesado, apenas perturbado, pelo rodar de algum carro que passava la fora, na estrada, ou pelo chalar das creadas de servir, em transporte da água da Mealhada, para confortar os estômagos combalidos dos patrões. Quando os fieis fasem o sinal da cruz, pelo qual mostravam ter terminado as resas de apresentação no templo, vem da sacristia, revestido das vestes talaes, o padre, cheio daquela dignidade própria do mortal que vae comunicar com Deus (...) Começam as resas. A voz do padre arrasta-se, com a lentidão de um condenado, que vae á guilhotina a receber o justo castigo dos seus crimes (...) O recato das portas fechadas, as sombras da meia tarde, que enchem a igreja de um misticismo vago, e ainda, a atitude contrita dos devotos, fasem lembrar as práticas dos primitivos tempos do cristianismo, nos refúgios subterrâneos das catacumbas (...) Depois, numa grande reverência, todos, de joelhos, beijam ao mesmo tempo o pavimento, numa humildade muito submissa. E então os pseudo-penitentes não podem resistir deante de enormes saliências que se lhes levantam, ao alto, na frente, puxam disfarçadamente de alfinetes de bico muito aguçado, e sondam aquelas carnes, com delícia, não compreendida pelos respectivos possuidores (...) O extase acaba e voltando á realidade das misérias do mundo, conhecem melhor a enorme distância a que estão dos gosos inefáveis do ceu. Então, na grande compreensão do tremendo suplicio, que vão infligir às suas carnes pecaminosas, descompõem as suas vestes da cintura para baixo, e com palmadas sonoras, fustigam aquele sítio polpudo, que fica um pouco abaixo da região lombar. Acabada esta função, torna a abrir-se a porta da igreja, para dar saída a estes filhos arrependidos do pecado, que caminham para suas casas, com a consciência mais desanuviada, pela tortura dolorosa a que voluntariamente se submeteram. E o Cristo lá em cima no altar mór, esperou que se apagassem as duas velas dos lados para deixar escapar, á sucapa, o seu sorriso equívoco e silencioso.”

Ainda de 1922 o livro contém mais três artigos também publicados n' *O Povo*, um que evoca o Dr. José Frederico Laranjo, outro Mouzinho da Silveira, duas figuras de referência obrigatória e inspiração para o autor, e aos quais torna em outros artigos publicados muito mais tarde, e um terceiro sobre a chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Lisboa.

De 1923, ainda n' *O Povo*, surge *O Largo do Cipresteiro*, uma interessante crónica sobre uma quezília local, onde "(...) agora parece haver um novo movimento para continuar a fazer vingar o regime da palhota e criação de bácoros (sic)."

Salta-se então para 1931, como um artigo intitulado *Terra de Turismo*, publicado nos *Brados do Alentejo*, e mais tarde escolhido por João Gordo para figurar na sua antologia de 1935, *Terra Alta*, ilustrado com um belo desenho de António Marcelino Gordo. De entre os varões ilustres da terra, que recorda, já refere Garcia de Orta (note-se que apenas no final da década de 20, início de 30, se fixa de forma definitiva, com o trabalho de Silva Carvalho, a naturalidade do médico e botânico).

Tendo o autor estado ligado ao lançamento do «semanário republicano, defensor dos interesses do concelho» *Folha do Leste* (1930-1935), aí assegurou a secção *Coisas Várias*, sob o pseudónimo de José Bento, que já utilizara em *O Povo* e n' *O Castelovidense*. Dos artigos que publicou encontram-se três no livro, *A sopa dos pobres*, *Obra a realizar e Outono*. Nos dois primeiros exorta os castelovidenses a contribuírem para aquela iniciativa, ligada à Direcção do Asilo Almeida Sarzedas, que integra no quadro das suas constantes preocupações sociais e no que se vai fazendo pelo País. No último, faz uma descrição incendiada e elegíaca do Outono em Castelo de Vide (quem sabe se escrita no moinho de que falarei adiante).

Entre 1940 e 1943, extinto já o *Folha do Leste*, o livro inclui 13 artigos, 2 publicados na segunda série d' *O Castelovidense* e os restantes no *Brados do Alentejo*, dos quais 2 de uma coluna que manteria neste jornal, intitulada *Coisas Velhas*. Desde uma muito curiosa descrição da Páscoa em Castelo de Vide, onde constata a chaga da pobreza que se mantém, apesar das muitas promessas da Igreja, ao *Rouxinol do Tarouco*, onde com grande ternura nos é contado um toque de alvorada no lajeado, em que o sapateiro e músico da banda Peixelim, ao tocar o bombo, parte o seu muito querido instrumento de barro com o qual imitava rouxinóis, ou ainda descrições várias da Vila, da sua História, dos seus Grandes, da sua toponímia, passando por crónicas como a comovente *Quadro Rústico*, que nos dá uma triste história de vida e de ingratidão, contada como se de uma maravilhosa aguarela se tratasse, ou ainda *Velhos Lagares*, chega-se a *À Quinta do Cartaxo* (1942), onde o autor descreve magistralmente o que vai encontrando no passeio que fez com João Gordo até à quinta, para ver as obras de remodelação que nela então se faziam, sob projecto de Raul Lino. Quase a chegar, deparam-se com a célebre tasca dos Trancões, junto à estrada (e, devo dizer, de cujos proprietários guardo ainda muito boas memórias). Mais uma vez não resisto a ler-vos o espantoso parágrafo que escreveu:

“(…) Depois, a capelinha dos Trancões, onde se liba, em homenagem a Bacho, com estalidos regalados de língua. Parece que o tunante que lá se venera, faz o milagre de escamotear o valor das vitaminas do precioso néctar, provocando enlanguescimentos nas pernas e no cérebro, que aumentam na razão directa do quantitativo de sangue derramado, nos cruentos sacrifícios (...)”

(reputo agora indispensável acrescentar que, porventura infelizmente, nunca participei nestas cerimónias bachianas!).

Por fim, o livro oferece-nos mais 7 artigos, escritos entre 1947 e 1951, todos nos *Brados do Alentejo* excepto dois, n’*O Castelvidense*, nos quais voltamos a encontrar as preocupações maiores do autor: a sua terra, os seus pobres, os seus filhos dilectos e a necessidade que sente de ser imperioso, periodicamente, festejá-los para que não caiam no esquecimento, sobretudo dos mais novos, servindo de exemplo e esperança em particular para os mais desfavorecidos. Destaco apenas dois: *Dr. José Frederico Laranjo*, que foi também incluído na colectânea que constitui a separata *O Homem de Castelo de Vide*, publicada pel’*O Castelvidense* no centenário do seu nascimento, e *Feriado Municipal de Castelo de Vide*, de Junho de 1951, o último artigo que terá escrito, uns dias antes de falecer, onde, usando forte argumentação de natureza histórica, se insurge contra a celebração do feriado municipal a 1 de Junho, data do foral manuelino, mas que pouco diz à grande maioria dos munícipes.

Apesar de não me terem sido impostos nem sugeridos limites de tempo, peço desculpa por ter porventura ultrapassado as vossas expectativas. Todavia, estamos apenas perante uma amostra de uma obra bem maior, que espero ter conseguido descrever de forma a que se sintam tentados a explorá-la, como merece. Resta-me dar os parabéns ao neto pela excelente antologia que nos ofereceu e pelo seu gigantesco trabalho em coligir toda a obra do Avô, proporcionando-lhe esta merecida homenagem.

Antes de terminar apenas mais duas curtas notas: a primeira para referir que embora haja hoje poucas pessoas que tivessem conhecido pessoalmente Mateus Maniés, e as que o conheceram eram então crianças ou jovens adolescentes, é ainda possível encontrar quem sobre ele tenha histórias para contar: por exemplo, a Sr.^a D. Catarina Campos Gasalho lembra-se da admiração que o Pai, João Campos, lhe dedicava, por na ocasião de uma doença de alguém da família, a quem o médico tinha receitado apanhar bons ares do campo, Mateus Maniés ter imediatamente oferecido a sua casa em S. Vicente, para que nela a doente pudesse passar uma temporada. Outros tempos...

A segunda nota segue à laia de conselho para quem gostar de ler o livro que aqui apresentámos. Sabe-se que Mateus Maniés gostava muito de usar um moinho já em ruínas que tinha num seu olival, para aí se refugiar a ler e a escrever, de acordo com o que contava sua filha Desidéria ao filho, José Mateus. Quando obtive esta informação, em Agosto passado, senti que devia explorá-la mais, numa tentativa de maior aproximação ao autor. Desafiei então o José Mateus a irmos redescobrir o moinho, que

este já conhecia desde a infância, onde ia às vezes passear com o Pai. O olival a que me refiro já não existe, foi entretanto vendido pela família e urbanizado, pelo menos parcialmente. Mas José Mateus lembrava-se do portão de acesso ao caminho que conduzia ao moinho, quase em frente à Igreja de S. Vicente. Numa primeira tentativa falhámos! Duas casas e respectivos jardins ocupavam a zona inferior do antigo olival, e embora ainda exista o portão de acesso, estava fechado por se tratar de propriedade privada. Contudo, a teimosia venceu! Após ter localizado através das imagens de satélite do Google o que parecia ser a ruína do moinho, tornou-se claro que lhe poderíamos chegar, não a partir de S. Vicente, mas pelo topo da colina, por trás do Bairro da Boavista, indo ao Bairro do Moinho de Vento e tomando um caminho de terra batida que parte a certa altura da Rua do Outeiro da Forca. Lá fomos, e desta vez com pleno sucesso, como ilustro a seguir.





Aconselho vivamente uma visita: o local, embora actualmente com muito mato e árvores que rodeiam o moinho de forma, diria, selvagem, é paradisíaco: oferece, para um dos lados, a vista da serra e Senhora da Penha, para o outro uma vista sobre o prado e a imensidão da paisagem a leste, para Espanha. Se seguirem o meu conselho, terão uma maior aproximação a Mateus Maniés e aos seus textos, sentindo o espírito do lugar e, como diria o Prof. Vitor Serrão, também os seus símbolos hierofânicos¹.

Deixei propositadamente para o final mencionar uma das características de Mateus Maniés: o seu gosto pela música e a paixão pelo seu violino. Há notícias, por exemplo no Castelovidense, da participação de Mateus Maniés como violinista em espectáculos de teatro integrando agrupamentos musicais que acompanhavam as peças levadas a cena por grupos cénicos amadores (e.g., 3 de Julho de 1941). Sabendo disto, durante o

¹ De hierofania, aparição ou revelação do sagrado.

passeio que atrás referi, surgiu-me uma peça de que muito gosto, e da qual há arranjos para violino e piano. Trata-se da Chaconne em Sol Menor de Tomaso Vitali (um compositor do séc XVII), tocada por Nathan Milstein (e Artur Balsam ao piano), que agora vos convido a ouvir, prestando assim uma singela homenagem a Mateus da Cruz Maniés, que seguramente está em espírito connosco. Ao Avô Mateus!

<https://www.youtube.com/watch?v=xRZz3Z7KRPk&app=desktop>

Castelo de Vide, 16 de Novembro de 2019

Francisco Sepúlveda Teixeira

Mateus da Cruz Maniés

CASTELO • DE VIDE •

HISTÓRIA
e
SOCIEDADE
1906 a 1951

COORDENAÇÃO

José Mateus Maniés
Lourenço



Edições Colibri



MATEUS DA CRUZ MANIÉS

[1886-1951]





MATEUS DA CRUZ MANIÉS

[1886-1951]

Castelo de Vide - Teatro Mousinho da Silveira
e Rua da Aramenha.



Castelo de Vide - Teatro Mousinho da Silveira
e Rua da Aramenha.





1º artigo

“Castello de Vide”
O Distrito de Portalegre

Escreveu
≥ 347 artigos

Nascimento

31 de Agosto



1886

1906

Morte

26 de Junho



1951



Seleção
74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”
O Distrito de Portalegre

Escreveu
≥ 347 artigos

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1951

2019



PATRIMÓNIO ↕

PATRIMÓNIO IMÓVEL →

PATRIMÓNIO INTEGRADO →

PATRIMÓNIO IMATERIAL →

PATRIMÓNIO MÓVEL →

POSTAIS ILUSTRADOS →

INSTITUIÇÕES →

PERSONALIDADES →

TEXTOS E ARTIGOS →

BIBLIOGRAFIA →

EFEMÉRIDES →

BOLETIM INFORMATIVO →

NOME

EMAIL

SUBSCREVER BOLETIM INFORMATIVO →

INÍCIO | EFEMÉRIDES



PESQUISA DE EFEMÉRIDES ↕

Pesquisa geral

Dia



Mês



Ano

Ordenar por

Data Ascendente

[\[limpar dados\]](#)

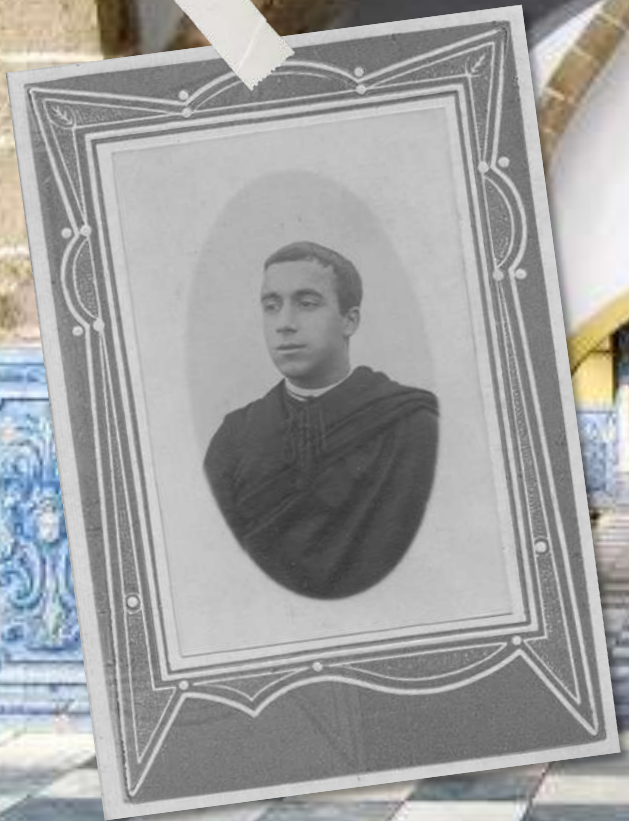
31/8/1886

Em Castelo de Vide, nasce Mateus da Cruz Maniés, filho de Floriano Maniés e de Desidéria do Carmo. Comerciante, com colaboração diversa na imprensa regional, publicou alguns contos, como "Uma bruxa em calças pardas", "Lendas", "A peste" e outros.

Na Freguesia de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide, nasce nesta data às 23 horas, Mateus da Cruz Maniés. Viria a ocupar diversos cargos na vida política local e a distinguir-se pela sua tendência para as letras.

Era filho de Floriano de Alegria Maniés e de Desidéria do Carmo, moradores na Rua de Santa Maria de Cima.

Depois de fazer a instrução primária em Castelo de Vide, deu entrada no seminário de Portalegre onde completou o curso de Teologia. Porém não viria a ordenar-se sacerdote.





ZON

FIDELIDADE

FIDELIDADE

FIDELIDADE

AGENTE

FIDELIDADE

ZURICH

FIDELIDADE

SEKUI







O

**PARTIDO REPUBLICANO
PORTUGUÊS**

PERANTE A ACTUAL
SITUAÇÃO POLITICA

















Diogo Salema Cordeiro

Efemérides

de Castelo de Vide



GRUPO DE AMIGOS DE CASTELO DE VIDE



- PATRIMÓNIO ↓
- PATRIMÓNIO IMÓVEL →
- PATRIMÓNIO INTEGRADO →
- PATRIMÓNIO IMATERIAL →
- PATRIMÓNIO MÓVEL** →
- POSTAIS ILUSTRADOS →
- INSTITUIÇÕES →
- PERSONALIDADES →
- TEXTOS E ARTIGOS →
- BIBLIOGRAFIA →
- EFEMÉRIDES** →
- BOLETIM INFORMATIVO →

NOME

EMAIL

SUBSCREVER BOLETIM INFORMATIVO →

INÍCIO | EFEMÉRIDES   

PESQUISA DE EFEMÉRIDES ↓↑

Pesquisa geral

Dia ↓ Mês ↓ Ano

Ordenar por ↓

1/7/1943

Concluídas as obras de arranjo geral e ampliação a que foi sujeito o café Peninsular, em Castelo de Vide, realizou-se nesta quinta-feira, pelas 5 horas da tarde, a cerimónia solene da sua reabertura.

Para a mesma fora convidado o Presidente da Câmara Municipal, os clientes do estabelecimento e pessoas das relações pessoais da sua proprietária, Maria Teresa Coimbra.

Solicitado ao Presidente da Câmara o acto simbólico da abertura das portas, de pronto se encheu o café, agora totalmente renovado, sendo apreciados os melhoramentos efectuados e a decoração interior, enquanto eram já servidos vinhos de mesa da região e sanduíches variadas.

Seguiu-se um "porto de honra", e por fim abriram-se as garrafas de "champanhe" e surgiram os brindes e as saudações que se iniciaram com as palavras do Presidente do Município, Eng. Alexandre Durão Cordeiro, e a que se seguiram: o vereador Joaquim Alfredo da Costa Pinto, João António Gordo, Mateus da Cruz Maniês, António Vicente Raposo Repanico e ainda, em nome de todos os clientes do estabelecimento, o Dr. Manuel Félix, notário e advogado nesta vila.

Era proprietária do café Maria Teresa Coimbra, e situava-se este onde ainda se mantém hoje, na Carreira de Cima, Rua Bartolomeu Álvares da Santa. As obras constaram de reparação geral, um ligeiro aumento do espaço interior, estabelecimento de uma pequena sala para refeições e respectiva cozinha, substituição do letreiro na fachada e colocação de um candeeiro para iluminação da esplanada, em cujo piso foi feita nova calçada.

Neste rés-do-chão existira anteriormente um armazém de tabaco pertencente a Carlos Pereira e onde, em espaço que para o efeito lhe foi dispensado, trabalhou o ourives e relojoeiro Amândio Mendes da Cunha, no começo da sua vida profissional e comercial em Castelo de Vide. As casas também têm a sua história, cujos pormenores é sempre interessante conhecermos.

74 artigos



1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

Morte

26 de Junho

1951

74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1951

74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

Morte

26 de Junho

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1951

74 artigos

1º artigo

"Castello de Vide"
O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[media de 2 por mês]
O Castellovidense



Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1951

74 artigos

1º artigo

"Castello de Vide"

O Distrito de Portalegre

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1951

74 artigos



9 artigos

O Castellavidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

1º artigo

"Castello de Vide"

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellavidense

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1951

74 artigos

1º artigo

"Castello de Vide"

O Distrito de Portalegre

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

"Disciplina"

O Povo

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1951

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

Uma bruxa em calças pardas

Lendas (da Senhora da Alegria e de Nossa Senhora da Penha)

A Peste

Eco das Lutas Liberais

Senhora das Necessidades

Alma do outro mundo

Vida de campo

O Soldador

Ecoss de 1640

Morte

26 de Junho

74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”
O Distrito de Portalegre

9 artigos

O Castellavidense
O Povo
O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”
O Povo



5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]
O Castellavidense

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”
O Povo

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1951

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1951

1º artigo

"Castello de Vide"

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

"Disciplina"

O Povo

11 artigos

"Crónicas da Minha Terra"

O Povo

3 artigos

O Povo

Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto



1886

5 artigos

1906



21 artigos

[média de 2 por mês]
O Castellovidense

1911

1912



9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

1918

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

3 artigos

O Povo

1921

1922



11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo



Morte

26 de Junho



1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

1906



74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

Morte

26 de Junho

74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

Nascimento

31 de Agosto

Morte

26 de Junho

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1931

1951

74 artigos

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo



Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1931

1951

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1930

1931

1935

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

3 artigos

Folha do Leste

“Coisas Várias”

Pseudónimo: José Bento

“A sopa dos Pobres”

“Obra a realizar”

“Outono”

Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1930

1931

1935

1940

1943

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

3 artigos

Folha do Leste

“Coisas Várias”

Pseudónimo: José Bento

“A sopa dos Pobres”

“Obra a realizar”

“Outono”

13 artigos

Castelovidense

Brados do Alentejo:

“Coisas Velhas”

“Rouxinol do Tarouco”

“Quadra Rústico”

“Velhos Lagares”

“À Quinta do Cartaxo”

Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1930

1931

1935

1940

1943

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

3 artigos

Folha do Leste

“Coisas Várias”

Pseudónimo: José Bento

“A sopa dos Pobres”

“Obra a realizar”

“Outono”

13 artigos

Castelovidense

Brados do Alentejo:

“Coisas Velhas”

“Rouxinol do Tarouco”

“Quadra Rústico”

“Velhos Lagares”

“À Quinta do Cartaxo”

Morte

26 de Junho



74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1930

1931

1935

1940

1943

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

3 artigos

Folha do Leste

“Coisas Várias”

Pseudónimo: José Bento

“A sopa dos Pobres”

“Obra a realizar”

“Outono”

13 artigos

Castellovidense

Brados do Alentejo:

“Coisas Velhas”

“Rouxinol do Tarouco”

“Quadra Rústico”

“Velhos Lagares”

“À Quinta do Cartaxo”



Morte

26 de Junho

74 artigos

Nascimento

31 de Agosto

1886

1906

1909

1911

1912

1918

1921

1922

1923

1930

1931

1935

1940

1943

1947

1951

1º artigo

“Castello de Vide”

O Distrito de Portalegre

5 artigos

21 artigos

[média de 2 por mês]

O Castellovidense

9 artigos

O Castellovidense

O Povo

O Distrito de Portalegre

36º artigo

“Disciplina”

O Povo

11 artigos

“Crónicas da Minha Terra”

O Povo

3 artigos

O Povo

1 artigo

“O Largo do Cipresteiro”

O Povo

1 artigo

“Terra de Turismo”

Brados do Alentejo

3 artigos

Folha do Leste

“Coisas Várias”

Pseudónimo: José Bento

“A sopa dos Pobres”

“Obra a realizar”

“Outono”

13 artigos

Castellovidense

Brados do Alentejo

7 artigos

Brados do Alentejo

Castellovidense

“Dr. José Frederico Laranjo”

“Feriado Municipal de Castelo de Vide”

Morte

26 de Junho









MATEUS DA CRUZ MANIÉS

[1886-1951]